
AMOR E IMORTALIDADE EM PLATÃO E PLUTARCO

Fernanda Mattos Borges da Costa

Resumo

Neste trabalho iniciaremos uma análise do discurso de Diotima, personagem trazida por Sócrates no *Banquete*, com alguns argumentos apresentados no *Diálogo sobre o Amor*, de Plutarco, em um dos temas pelos quais se cruzam: a busca da imortalidade a partir de Eros. Entendemos a princípio que o texto platônico refere-se ao amor em sua manifestação mais ampla e geral, de tal maneira que prevê diversas formas de buscar e encontrar a imortalidade com a força de Eros. O diálogo de Plutarco conteria, por sua vez, uma especialização deste discurso quando se refere à participação de Eros nas relações especificamente entre o homem e a mulher, tanto na imortalidade a partir do nascimento, como na possibilidade de construção da virtude e participação no Belo na comunhão conjugal. Em primeiro lugar, analisaremos como se dá o argumento da imortalidade a partir da força de Eros inserido no discurso de Diotima, com suas particularidades e especializações. Em seguida verificaremos se há ocorrência do mesmo argumento da imortalidade no *Diálogo sobre o Amor*, de Plutarco, bem como se é possível estabelecer uma relação entre os dois textos conforme suas proximidades e divergências.

Palavras-chave

Platão, Plutarco, Eros, Imortalidade.

Abstract

In this work we introduce an analysis of Diotima's discourse, a character made by Socrates at the *Symposium*, with some arguments in Plutarch's *Dialogue on Love*, in one of the subjects which they intersect: the quest for immortality through Eros. We consider at first that the Platonic text refers to Love in its boarder and general manifestations, and it foresee many forms for seek and find immortality with Eros' strength. Plutarch's dialogue contains, by its turn, a specialization of Plato's discourse when refers to Eros in specific relations between a man and a woman, both as immortality based on birth and as the possibility of virtue building and the participating into the Beauty with the conjugal union. At first we analyze how the argument of immortality through Eros strength is given in Diotima's discourse, with its particularisms and specialisms. Then we shall see if the same argument of immortality occurs in Plutarch's *Dialogue on Love*, as well as if it is possible to establish a relationship between the two texts according to their proximities and divergences.

Keywords

Plato, Plutarch, Eros, Immortality.

1. Introdução

Com conhecimento da abrangência que ambas as obras demandam, selecionamos um estudo parcial que pretende cruzar somente as semelhanças presentes entre os dois argumentos da imortalidade a partir da força de Eros. Este cruzamento deve ser considerado na medida em que o discurso platônico possa ser compreendido em um sentido amplo e abrangente, aplicável a várias categorias de participação no Amor, enquanto o discurso plutarquiano tem a pretensão de envolver a circunstância do amor conjugal entre um homem e uma mulher, especificamente. Vale lembrar que Plutarco foi, certamente, leitor de Platão, e apesar de ser possível apontar conexões estilística e filologicamente entre os dois textos, optaremos por evitar esta abordagem em vista apenas da camada argumentativa dos diálogos.

2. O argumento da imortalidade em Eros no *Banquete*, de Platão

No *Banquete* de Platão, destacaremos o discurso de Diotima para a análise do desejo de imortalidade presente na comunhão entre o homem e a mulher, patrocinados por Eros. A fala de Sócrates é o penúltimo elogio a Eros na obra o *Banquete*, precedido somente por Alcibíades. Nela, o filósofo recorre ao discurso de Diotima para trazer à mesa suas ideias a respeito da verdadeira natureza de Eros, qual seria sua égide e sob quais formas manifesta-se entre os homens. Vale observar que esta não é a única abordagem a respeito de Eros na completude do diálogo em questão; ela sequer trata de todas as manifestações de Eros na própria fala socrática. Pretendemos resignar o trabalho no que se refere ao argumento da imortalidade na relação conjugal em prol da restrição na comparação entre os diálogos.

Segundo o discurso socrático, Eros não pode ser belo, absolutamente feliz ou sábio. A divindade representa o amor ao que é belo, ou ao que é bom. Consequentemente, Eros deseja o que é belo e bom, e se os deseja não poderia, desde logo, tê-los, uma vez que não é possível desejar aquilo que já possui (201A-C). O amor é, então, é uma forma de desejo nascido por aquilo que não se tem; uma eterna busca pela felicidade. Porém disso não decorre que Eros é feio e mau. Haveria entre os dois extremos um meio-termo no qual Eros se localiza, nem bom nem mau, nem belo nem feio:

Diotima: - Mas não é só isso. Deves te abster também de concluir que o que não é belo, é feio, e o que não é bom, é mau! Concedes que Eros não é bom nem belo, mas não podes saber o motivo pelo qual ele é feio ou mau. Deve haver entre estes extremos um intermediário (202B).

Pelo mesmo motivo, Diotima defende diante de Sócrates que Eros não pode ser um deus. Por não participar do absolutamente belo e bom, Eros não pode ser posicionado ao lado das demais divindades (202C-D). Sua verdadeira natureza é a de gênio (daímōn), o qual não figura nem entre os deuses imortais, nem entre os humanos mortais. É um meio-termo entre ambos a serviço da comunicação entre deuses e homens.

Sócrates: - E que poder possui o gênio?

Diotima: - A ele cabe interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses; a uns, as orações e os sacrifícios; a outros, os mandamentos e as recompensas das preces. Seu lugar é entre os dois, e por isso preenche o vazio que há entre uns e outros. É o liame que une o Todo a si mesmo. Graças a ele é que existe a divinação, e também a arte dos sacerdotes relativa aos sacrifícios, às consagrações, às fórmulas sagradas, a todas as profecias, encantações, à magia em geral. Um deus, com efeito, não se aproxima de um homem. Toda a comunicação que se estabelece entre os deuses e os homens, estejam estes acordados ou dormindo, é sempre feita por intermédio dos gênios. O homem a quem são feitas essas comunicações e que as conhece, é um homem inspirado; todos os outros, os que só conhecem um pouco das artes de certas manipulações não passam de artífices. Há muitos gênios e sobretudo diferentes espécies deles. Eros é um desses gênios (202E-203A).

Em resumo, o argumento baseia-se na premissa de que Eros é o amor ao Belo e ao Bom. E aquele que ama o que é belo e bom ama porque os deseja. Se os deseja, não os tem, logo, o amor ao belo e ao bom consiste na busca de algo precioso cuja posse não se tem ainda. Da mesma forma o homem ama e deseja a imortalidade, uma propriedade em tudo divina, e procura de todas as formas a eternidade. Neste sentido, a força de Eros impulsiona o homem ao extremo Bem e à absoluta felicidade, ao status divino, à imortalidade.

Existiriam, segundo o diálogo platônico, três formas de o homem buscar a imortalidade: a primeira delas dá-se a partir da perpetuação de feitos grandiosos, lembrados em sua honra e glória por toda eternidade por deuses e homens, aos quais vários homens dedicaram tudo o que possuíam;

(...) mas creio que é para alcançar um louvor imortal e uma fama semelhante a dos que acabei de citar [Alceste, Aquiles e Cordo], que os homens se sujeitam a todos os sacrifícios, e tanto mais voluntariamente quanto melhores forem, pois assim sendo tanto mais amam a imortalidade (208D)!

A segunda forma de busca pela imortalidade dá-se a partir da criação poética, na qual ocorre a “procriação a partir do espírito”, daquilo que se constrói a partir da alma pelo pensamento e pelas virtudes traduzidas nas palavras;

Os que, porém, desejam procriar pelo espírito, pois há pessoas que mais desejam com a alma do que com o corpo (e ela é mais fecunda ainda que o corpo), esses anseiam por criar aquilo que à alma compete criar. Que criação será esta? É do pensamento e das demais virtudes. É a criação desses homens a quem chamamos poetas e daqueles outros aos quais denominamos inventores (209A).

E, por fim, a imortalidade adquirida a partir da fecundidade do corpo. E por isso este Eros guardião do amor ao bom e ao belo possui parte no amor entre o homem e a mulher, capazes de atingir a imortalidade na criação de seus filhos:

Aqueles, cuja fecundidade reside no corpo, dirigem-se de preferência às mulheres e assim realizam a sua maneira de amar, acreditando que, pela criação de filhos, atingem a imortalidade, a celebridade e a felicidade eternas (208C).

O amor então se apresenta sob uma série de espécies e formatos. Contudo, dá-se especificamente o nome de amor às relações do homem e da mulher como uma espécie deste desejo pelo belo, bom e imortal (205C). Como no ato daquele que cria (poiētēs) e o ato em si de criar (poiéō) pode dizer respeito a muitas coisas, seus nomes, porém, costumam referir-se especificamente ao poeta e à poesia:

Diotima: - Como sabes, ‘poesia’ é um conceito múltiplo. Em geral se denomina criação ou poesia a tudo aquilo que passa da não existência à existência. Poesia são as criações que se fazem em todas as artes. Dá-se o nome de poeta ao artífice que realiza essas criações.

(...)

Diotima: - Não obstante, bem sabes que esses homens não são chamados ‘poetas’, mas que se lhes dão outras designações. E de toda a criação artísticas apenas uma parte é considerada, a que se ocupa da música e dos versos, e que justamente a ela se dá o nome que pertence ao todo. Só essa parcela, como sabes, é chamada de poesia, e os que a realizam, de poetas.

(...)

Diotima: - Pois o mesmo se dá com o amor: desejo do bem e da felicidade, em geral, eis no que para todos consiste o grande e astucioso Eros. Mas há muitos modos de dar satisfação ao amor e, entre eles, o de procurar as riquezas, os esportes, a filosofia, aos quais, todavia, não se aplicam correntemente os nomes de amante e amado; apenas a uma determinada espécie de amor e aos seus sequazes é que se dá o nome que de direito pertence ao gênero todo: amor, amar amante... (205C-D)

Assim a vazão ao desejo da felicidade e daquilo que é bom pode dar-se em diversos aspectos, seja pela riqueza, ginástica ou sabedoria. Contudo, somente a relação entre amante e amado é que se costuma denominar a presença de Eros (205D).

O próprio desejo de procriação (a participação biológica na imortalidade pelo homem) por sua vez, dá-se na percepção do belo. Uns engajam-se a partir do reconhecimento da beleza física, corpórea, tomam o desejo por aquilo que é admirado.

Outros ainda são capazes de amar as almas, vendo nelas a beleza da virtude, e constroem a partir deste amor também outras formas de relação e reprodução:

Diotima: - Pois bem; vou falar mais claro. Todos os homens, caro Sócrates, desejam procriar segundo o corpo e segundo o espírito. Quando atingimos certa idade, nossa natureza nos impele a que procriemos. Mas a procriação só se faz no belo. A união do homem e da mulher nada mais é do que procriação, e nesse ato há alguma coisa de divino. A procriação e o nascimento são coisas imortais num ser mortal!

(...) Assim aquele que deseja procriar, quando se aproxima do que é belo, sente aumentar o desejo e o prazer. Concebe e dá a luz. Quando, ao contrário, aproxima do que é feio, fecha-se, afasta-se, abstém-se e não procria, sofrendo entre dores o desejo de procriar (...) (206C-D).

É importante destacar que o ‘desejo de procriar’ nasce de uma beleza ‘segundo o corpo e segundo o espírito’; não se estabelece aqui a primazia da beleza física, pelo contrário, esta percepção é um estágio inferior do caminho traçado por Diotima para atingir o reconhecimento do Belo em si mesmo (210A-B).

E enfim, Diotima apresenta uma afirmação ainda mais desconcertante quando diz que o amor, neste enquadramento produzido acima, não é simplesmente o desejo do que é belo, e sim “é um desejo de procriação no belo” (206E). A procriação é a aproximação do ser humano da perpetuidade divina a partir do desejo de possuir para sempre o bem:

(...) E sabes qual é a importância da procriação? É que ela representa algo que perdura: é, para um mortal, a imortalidade. Ora, segundo vimos há pouco, o desejo de imortalidade é inseparável do desejo do bem, pois que o amor consiste no desejo da posse perpétua do bem; donde resulta que o amor é também o desejo de imortalidade (207A).

Todo o ser humano é tocado por Eros, uma vez que “é a natureza mortal que procura, na medida de suas forças, eternizar-se e imortalizar-se” (207D), mas “não, como o que é divino, permanecendo sempre exatamente o mesmo, mas, ao contrário, substituindo continuamente o que desaparece e envelhece” (207E) e é desta forma que o ser mortal partilha da imortalidade. Nem todos os mortais dão vazão ao desejo do belo e da felicidade através do produto do matrimônio, contudo a substituição do velho pelo novo a partir da procriação tem destaque no discurso de Diotima à representação das funções de Eros.

3. O argumento da imortalidade no matrimônio, no *Diálogo sobre o Amor*, de Plutarco

O *Diálogo sobre o Amor*, de Plutarco, desenvolve-se conforme os convidados de um jantar em Téspias, durante as Festas de Eros, discutem a relação entre a jovem viúva e rica Ismenodora e o rapaz Bácon. Os amigos do efebo decidem pedir auxílio aos demais, homens de maior experiência, de tal modo que discutissem como juízes a respeito da validade ou intrepidez da relação do casal. Neste contexto, os presentes envolvem-se na discussão da verdadeira natureza de Eros e de sua participação ou ausência no contexto em que a viúva apaixonou-se pelo rapaz mais novo e deseja casar-se.

No diálogo a primeira menção da relação entre o homem e a mulher como uma forma de manutenção do ser humano está no argumento de Protógenes, no qual defende:

Sem dúvida – disse Protógenes – que sendo essa união indispensável à procriação humana, não e sem sentido que os legisladores a exaltam e celebram diante dos cidadãos (750C).

Contudo, Protógenes não admite esta relação como oriunda do amor verdadeiro. O casamento e a união entre homem e mulher seria um simples mecanismo de manutenção da espécie, sem qualquer relação com o amor verdadeiro de Eros. Da mesma forma que o homem nasce com outros ímpetus, diretamente relacionados à sua sobrevivência, tal como o é o gosto pela comida, como vemos na passagem seguinte:

Na verdade, do mesmo modo que a natureza nos inspira um desejo moderado e suficiente por pão e outros alimentos, ao passo que o excesso cria um desejo por essa alimentação a que dão o nome de glotonaria, também na natureza reside a necessidade de homens e mulheres conseguirem prazer um do outro (750D).

Assim, o desejo por mulheres seria restrito a uma forma de impulso irracional e instinto de sobrevivência; ainda que não de um mesmo corpo, mas da própria espécie humana. E, inclusive, apenas por isso tem previsão e proteção legal. Aqui já é possível verificar uma aproximação com o discurso platônico. Diotima, no *Banquete*, relaciona o poder de Eros sobre a procriação e perpetuação não apenas humana, mas também de todos os seres mortais que vivem sobre a terra:

(...) Não te aconteceu nunca observar como o amor empolga fortemente todos os animais, tanto os que voam como os que andam na terra, quando os possui o desejo de procriar? (...) Se se tratasse de homens, bem que se poderia concluir que é a razão que os impele a agir dessa maneira. Mas não; trata-se de animais. A que causa atribuiremos o amor e efeitos que neles encontramos (207B-C)?

Contudo o argumento da imortalidade usado por Protógenes fora trazido em termos restritos, diminutos, e em nada semelhantes às manifestações de Eros como o gênio platônico que instiga à imortalidade a partir do amor pelo belo. A resposta de Diotima trata a participação em Eros instigada pela própria natureza mortal que busca eternizar-se por todos os seus meios.

Protógenes mostra-se então um defensor do verdadeiro amor como aquele patrocinador somente das relações entre os homens, únicos capazes de virtude e da construção da amizade. Diante disto, Dafneu responde, dentre outras coisas, que se é devido fracionar o amor entre rapazes do amor entre o homem e a mulher, seria no amor conjugal que residiria o verdadeiro Eros:

Com efeito, ainda ontem, meu amigo, ou no dia anterior, entre os jovens que se desnudavam e exercitavam, penetrou as escondidas nos ginásios [um Eros bastardo e clandestino], acariciando-os suavemente e insinuando-se, e logo depois, de mansinho, esvoaçou para as palestras e já não foi possível trava-lo, antes. Seguiu a insultar e ultrajar esse outro Eros conjugal que concorre para a imortalidade da raça humana, uma e outra vez resgatando a nossa natureza da extinção por via dos nascimentos (752A).

A ideia da relação conjugal como necessária para a manutenção da raça humana é trazida ao diálogo neste momento como um bem essencial ao ser humano. Dafneu propõe que, se é o caso de diferenciar o amor nas duas formas de relações, será no amor e no casamento entre o homem e a mulher que o Eros ‘verdadeiro e mais antigo’ residirá. Apesar de haver referência ao Eros Urânio (relacionado à Afrodite, filha de Urano) e ao Eros Polímnio (rebento de Afrodite, filha de Zeus e Dione) no *Banquete*, de Platão, esta diferenciação não está presente no discurso de Diotima. Na fala socrática Eros sequer é um deus (Theós), uma vez que não participa do belo e da felicidade dos imortais, sendo classificado como um gênio (*daímōn*).

Mais abaixo encontramos a seguinte passagem no discurso de Plutarco, uma defesa da concepção de Eros como um deus ao lado de Afrodite:

No entanto, esta grande e admirável obra de Afrodite e também, em segundo grau, obra de Eros, porquanto assiste a Afrodite. Quando não lhe assiste, o resultado sai completamente despojado do seu valor, sem honra e pouco amigável. E que uma relação em que não ha amor, semelhante à fome e a sede, tem como único proposito a satisfação e não resulta em nada de belo. Ao invés a deusa, graças a Eros, recusando o enfado do prazer, faz brotar a amizade e uma união cúmplice (756E).

A relação amorosa entre o homem e a mulher poderá contemplar muito mais do que a mera necessidade de procriação – nos moldes da necessidade de alimento – quando assistida tanto por Eros como por Afrodite. Assim Plutarco aproxima-se de Platão (no

discurso de Diotima) quando associa a atividade de Eros como amizade e honra, com um resultado que participa de alguma forma no belo. Contudo, ainda que dê certa continuidade ao discurso, Plutarco lhe dá outros contornos: Eros seria, então, o deus responsável por fomentar a amizade e a cumplicidade entre os companheiros no matrimônio, e disso resulta algo belo.

Neste aspecto as semelhanças e diferenças tornam-se mais agudas entre os discursos de Plutarco e de Platão. O discurso platônico prevê a participação de Eros na imortalidade a partir da procriação da alma, ou seja, no fomento das virtudes. Contudo, esta forma de amor não está necessariamente ligada ao amor matrimonial e pode ser dividido entre homens, segundo o exemplo da relação do discípulo que ama e busca a bela alma do mestre:

Em seguida, considerará a beleza das almas como muito mais amável do que a dos corpos, e destarte será conduzido por alguém que possua uma bela alma, embora localizada num corpo despido de encantos, e a amará, zelando por sua felicidade, e inspirando-lhe belos pensamentos capazes de tornar os jovens melhores (210C).

Já em Plutarco o Eros superior divino patroniza somente a relação do homem para com a mulher. E não qualquer relação, mas àquela fundamentada nos preceitos virtuosos, pois Eros somente pode tomar parte naquilo que resulta belo, e, portanto, naquilo que é bom e virtuoso.

Há em ambos os autores a premissa do amor pelo Belo. Contudo as suas diferenças são bem marcadas. Platão determina o amor pelo Belo, tal qual o amor pelo Bom, unindo-o ao desejo de possuí-lo eternamente. Em outras palavras, Eros patrocina o desejo da imortalidade. Já para o diálogo de Plutarco, Eros contempla especificamente o amor matrimonial. O deus não só abençoa a união entre o homem e a mulher, como também o faz em direção ao Belo e ao Bem, fomentando uma relação à amizade, honra e virtude. A participação do Bem não estaria contida apenas na imortalidade da raça humana a partir da força de Eros, mas este também fomenta as possibilidades de desenvolvimento virtuoso tanto do homem quanto da mulher. A construção de Plutarco aparenta-se como extensão e complementaridade do argumento de Diotima, em Platão, na qual o amor “é um desejo de procriação no belo”, mas a partir de novas justificações.

4. Conclusão: continuidade, especialização ou reformulação?

Plutarco vai além de Platão, uma vez que especializa a atuação de Eros no amor conjugal. Na teoria plutarquiana imortalidade não é alcançada apenas a partir da procriação, mas também e principalmente por conta de uma relação fomentadora da virtude do casal, e desta maneira amplia as possibilidades de participação no Belo no que tange a união entre o homem e a mulher. De certa forma, esta mesma especialização confere a Plutarco apenas uma proximidade pontual à teoria platônica.

Platão, no discurso de Diotima, propõe sua teoria do amor segundo estágios de apreciação do Belo. Estes estágios podem ser vivenciados separadamente e analisados conforme suas especificidades. Contudo, há uma pretensão última àqueles mais empenhados em participar do divino, qual seja a capacidade de apreciação do Belo em si. É a possibilidade de reconhecê-lo para além de suas manifestações mundanas que tem a possibilidade de conferir a sabedoria e imortalidade divinas, e é para este estágio final de felicidade sublime que o homem deseja encaminhar-se. Então, o discurso platônico pretende uma generalidade e um fim último no qual o amor matrimonial constitui apenas um dos seus estágios de manifestação do desejo de Eros.

Neste aspecto, Plutarco teria, em seu diálogo, tocado em apenas alguns aspectos do poder de Eros. Tal restrição é esperável inclusive por conta das propostas distintas de cada narrativa. No *Banquete*, os convidados discutem qual a natureza de Eros e buscam formular elogios em abstrato. Já no *Diálogo sobre o Amor* os convidados veem-se como jurados de um caso concreto, qual seja, a validade da relação amorosa entre Ismenodora e Bácon.

Tendo em vista estas observações consideramos possível compreender a teoria do amor de Plutarco como continuidade e reformulação da teoria platônica, uma vez que em seu diálogo não apenas dá destaque à relação do amor conjugal sob a égide de Eros, mas também retira o poder verdadeiro de Eros e a real participação no Belo das demais relações. O próprio argumento da imortalidade é mais evidente em sua forma mais fraca, como instinto de sobrevivência. Enquanto que, por outro lado, pode-se apenas assumir a relação com o Belo também como o desejo pela imortalidade a partir de uma leitura platônica de Plutarco.

Diante desta breve explanação dos autores, compreendemos que a percepção de proximidade nos argumentos dos dois diálogos é incontestável. Todavia não cabe uma só leitura desta relação. Pode-se ler Plutarco de um ponto de vista platônico e dar-lhe

novas perspectivas em um discurso mais amplo do debate a respeito de Eros na antiguidade – conforme decorreu a leitura adotada neste trabalho. Mas esta leitura tende a minimizar os aspectos inovadores da teoria plutarquiana, os quais infelizmente não couberam na proposta ensaística deste trabalho devido à restrição que propusemos na comparação dos diálogos. Esse viés mais amplo numa análise de Plutarco dependeria de recorrer a toda tradição referida por ele em seu discurso, inclusive às outras vozes do *Banquete*.

BIBLIOGRAFIA

FRANCALANCI, Carla. **Amor, Discurso, Verdade:** uma interpretação de ‘Symposium’ de Platão. Vitória: EDUFES, 2005.

PLATÃO. **O Banquete.** Edição Bilíngue. Texto grego John Burnet. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA, 2011.

_____. **O Banquete.** Tradução, introdução e notas, Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70. 2008.

PLUTARCO. **Obras Morais:** Diálogos sobre o amor, Relatos de Amor. Tradução, introdução e notas, Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: CECH, 2009.